

A CIDADE E SUAS MEMÓRIAS: A PRAÇA CENTRAL DE PIRASSUNUNGA, SP

Gustavo Ferreira Prado¹ 

Luciene Cristina Risso² 

Destaques:

- A praça central de Pirassununga (SP) é um lugar de memória coletiva muito valorizado conforme mostrou os resultados das interpretações das narrativas dos anciãos entrevistados.
- Utilização teórica da Geografia humanista cultural, e uso do software IRAMUTEQ, como uma ferramenta auxiliar de análise de conteúdo.
- A praça foi considerada um patrimônio, termo muito utilizado nas narrativas, no sentido de bem-estar de todos, e por tal razão, deve ser preservada.

Resumo: O presente artigo pesquisou a praça pública central da cidade de Pirassununga, situada no interior do estado de São Paulo, a partir das memórias-lembranças dos anciãos. A metodologia qualitativa foi baseada, principalmente, na coleta de dados primários por meio de entrevistas com os anciãos residentes na cidade buscando memórias-lembranças, para recontar a história da praça central do ponto de vista dos próprios habitantes, que possuem mais tempo de experiência. A análise desses dados foi de conteúdo temático presente nas narrativas à luz da geografia humanista cultural. Como resultados, notou-se a importância e afetividade atribuída à praça por parte dos mais velhos, contribuindo como importante registro histórico, e como base para a elaboração de políticas públicas que preservem e valorizem as praças públicas.

Palavras-chave: Experiências; Lugar; Patrimônio; Pertencimento; Pirassununga.

THE CITY AND ITS MEMORIES: THE CENTRAL SQUARE OF PIRASSUNUNGA, SP

Abstract: This article researched the central public square of the city of Pirassununga, located in the interior of the state of São Paulo (Brazil), based on the memories-memories of the elders. The qualitative methodology was based, mainly, on the collection of primary data through interviews with the elders residing in the city seeking memories-souvenirs, to retell the history of the central square from the point of view of the inhabitants themselves who have more experience. The analysis of these data was thematic content present in the narratives in the light of cultural humanist geography. As a result, it was noted the importance and affection attributed to the square by the elders, contributing as an important historical record, and as a basis for the elaboration of public policies that preserve and value public squares.

Keywords: Experiences; Place; Heritage; Belonging; Pirassununga city.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP – Rio Claro). E-mail: gfprado@yahoo.com.br

² Docente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP – Ourinhos). E-mail: luciene.risso@unesp.br

LA CIUDAD Y SUS MEMORIAS: LA PLAZA CENTRAL DE PIRASSUNUNGA, SP

Resumen: Este artículo investigó la plaza pública central de la ciudad de Pirassununga, ubicada en el interior del estado de São Paulo, a partir de memoria-recuerdos de los mayores. La metodología cualitativa se basó, principalmente, en la recolección de datos primarios a través de entrevistas con ancianos residentes en la ciudad en busca de memoria-recuerdos, para volver a contar la historia de la plaza central desde el punto de vista de los propios habitantes, quienes tienen más experiencia. El análisis de estos datos fue de contenido temático presente en las narrativas a la luz de la geografía humanista cultural. Como resultado, se notó la importancia y a las afectividades que los ancianos le atribuyen a la plaza, contribuyendo como un importante registro histórico y como base para la elaboración de políticas públicas que preserven y valoren las plazas públicas.

Palabras clave: Experiencias; Lugar; Patrimonio; Pertenencia; Pirassununga.

INTRODUÇÃO

A cidade de Pirassununga, situada no interior do estado de São Paulo, possui vários bens patrimoniais culturais, como a praça central “Conselheiro Antônio Prado”, um espaço importante de socialização e de memória que resiste através dos tempos.

De acordo com Benevolo (2007) há praças nas cidades, desde a antiguidade clássica, e suas localizações junto às formas em “tabuleiros” nas cidades da América colonial. De modo homogêneo, Pirassununga foi desenvolvida com a praça no centro e em sua volta, a igreja, os prédios públicos e as casas das famílias da elite.

Dada à valorização social da praça central, o objetivo principal deste artigo foi identificar e interpretar as memórias-lembranças referentes à praça central, pelo olhar da população anciã (a partir dos 60 anos).

Esse trabalho justifica-se na busca de memória-lembranças (RICOEUR, 2007), entendidas como uma reconstrução do passado, emprestando os dados do presente (HALBWACHS, 2003) com vistas à valorização histórica, social e cultural futura da praça do centro da cidade. A praça central está historicamente associada à época próspera do café no século XIX no estado de São Paulo.

Partindo das premissas das ciências humanas, é relevante considerar que a história e as memórias de um povo não devem ser perdidas, mas sim preservadas por meio das gerações, a fim de garantir a manutenção da identidade social buscando o desenvolvimento da cidadania.

Baseando-se nos fatos históricos, nas vivências locais narradas presentes nos fragmentos memoriais, a praça central foi um lugar extremamente reconhecido pelos moradores e possui extrema importância para eles, “guardando” muitas histórias, fatos e eventos, que com o passar dos anos fez parte da vida de cada um de maneira singular.

Dessa forma, o artigo foi estruturado apresentando o arcabouço teórico de experiências e memórias no olhar da geografia humanista cultural e um breve histórico da praça central “Conselheiro Antônio Prado”. O artigo discorre uma parte dos resultados da dissertação de Prado 2019, expondo alguns dos principais temas surgidos a partir das narrativas como: a estética da praça; corporação musical pirassununguense “16 de julho”; a era dos cinemas, e significados e preservação atual da praça. A nuvem de palavras, resultante da análise de conteúdo foi produzida exclusivamente para esse artigo, sendo composta por todas as entrevistas realizadas no estudo de Prado (2019).

Espera-se que essa pesquisa colabore com estudos da geografia humanista cultural, levando em conta as memórias da população das cidades brasileiras e, assim, auxilie outras pesquisas geográficas futuras fomentando o debate.

METODOLOGIA

A fim de viabilizar este estudo, foram realizadas revisões bibliográficas sobre o tema, trabalhos de campo para observação e levantamento de dados primários, investigação em arquivos e biblioteca da cidade para coleta de dados secundários, análise dos dados e relatórios. Esta pesquisa possui abordagem qualitativa, ou seja, serão levados em conta, essencialmente, os dados primários subjetivos com o uso de entrevistas aplicadas e análise e interpretação de seu conteúdo, relativo ao tema.

Foram realizadas entrevistas, durante o segundo trimestre do ano de 2019, utilizando a técnica de gravação e transcrição, cujas questões abordaram características e descrições da praça central da cidade em décadas anteriores. Os locais das entrevistas foram variados a depender da escolha dos entrevistados. Assim, alguns moradores eram abordados e entrevistados na própria praça central, enquanto que outros foram entrevistados em suas próprias residências.

A amostragem foi estratificada pelo critério da idade (a partir de 60 anos), considerado relevante para a aplicação dos questionários, porque se levou em conta as memórias da segunda metade do século XX, cujo público tem grande experiência e a referida época teria perpassado a infância e juventude dos entrevistados. Vale ressaltar, que em alguns momentos a amostragem foi intencional, escolhendo anciãs e anciãos, cujos nomes foram significativos para a cidade, como Roberto Bragagnollo (secretário da cultura e turismo), Israel Foguel (professor e historiador), Claudio Azevedo (maestro da banda municipal de Pirassununga) etc. Normalmente, neste caso, as entrevistas foram agendadas nas residências dos mesmos.

Apesar de alguns moradores demonstrarem uma desconfiança a princípio, do objetivo da entrevista, posicionaram-se solícitos a este trabalho e ao final sentiram-se satisfeitos em relação à oportunidade de narrarem suas memórias.

Foram entrevistadas para a dissertação vinte e uma pessoas e seguiram um roteiro flexível composto por cinco perguntas, abrindo, assim, espaços para que houvessem narrativas relacionadas principalmente às lembranças dos entrevistados. Após essa fase, as narrativas foram transcritas e organizadas em temas principais. Neste artigo, estão presentes algumas das falas dos entrevistados constantes na dissertação de PRADO (2019), selecionadas para essa publicação.

Utilizou-se também o software *IRAMUTEQ*, como uma ferramenta auxiliar de análise de conteúdo dos dados léxicos, apresentando a Nuvem de palavras como análise lexical simples, que agrupa as palavras e as organiza graficamente em função da sua frequência. Por último, passou-se para a interpretação, revelando os significados desses lugares narrados.

Breve histórico da praça central “Conselheiro Antônio Prado”

A praça central de Pirassununga foi criada por volta de 1880, época que refletia a ascensão do café na cidade e na região. Acompanhou ao longo dos tempos os desenvolvimentos sociais, tecnológicos e urbanos locais.

Antigamente, o local era denominado pelos poucos habitantes locais como a praça da mata, até que por volta de 1880 um grupo de moradores

resolveu construir o primeiro jardim público da cidade, o qual receberia o nome de “Largo Municipal”.

Em 1886, alguns cidadãos, pertencentes à elite do município, resolveram se reunir para tratar em conjunto sobre a construção da praça da cidade. Organizaram uma comissão a fim de arrecadar donativos em prol das obras, e a partir do ano de 1887 a Câmara Municipal assumiu a responsabilidade e em 1890 foi construído o primeiro coreto que era quadrado e feito de ferro. Na mesma época, foi construído o primeiro mercado municipal da cidade (PRADO, 2019).

No dia 03 de novembro de 1897, o intendente da cidade, o Dr. Manoel Jacintho Vieira de Moraes trocou o nome da praça: de Largo Municipal para “Praça Duque de Caxias” e, em 11 de agosto de 1900, autorizou construir uma coluna encimada de um busto do compositor Antônio Carlos Gomes, cuja inauguração ocorreu em 1901. Ressalta-se que, atualmente, o busto encontra-se colocado na praça do bairro denominado Jardim Carlos Gomes, a pedido dos próprios moradores do local.

No ano de 1902, a então denominada “Praça Duque de Caxias”, no centro de Pirassununga, recebeu uma importante ação municipal em que plantaram vários eucaliptos no local, cujas árvores eram novidade para a época. No mesmo ano, a banda que existia na cidade recebeu o nome de “Corporação 16 de julho”³ e tal data serviu para homenagear o diretório do partido republicano existente no período. A banda passou a tocar na praça aos domingos e feriados por uma determinação da Câmara Municipal.

No dia 01 de julho de 1902, o intendente municipal em exercício, Manoel Franco da Silveira mudou o nome da praça para “Dr. Rodrigues Alves”⁴.

No dia 06 de abril de 1912, um negociante chamado Estevan Santiago pediu a concessão por dez anos a fim de realizar a construção de um novo coreto para a praça Dr. Rodrigues Alves, este novo projeto de coreto teria, como planejado, um bar em sua parte inferior. Em 1913, houve a inauguração de um

³ A data foi comemorativa devido ao reconhecimento do diretório local do Partido Republicano (PR) em 16/07/1899. (GODOY. M. P, 1975).

⁴ Homenagem a Francisco de Paula Rodrigues Alves (07/07/1848 à 16/01/1919) – Advogado – Foi Conselheiro imperial. Deputado entre 1872-1887, governador de São Paulo entre 1887-1888, ministro da fazenda em 1891, senador em 1893 e tornou-se presidente da República em 1902. (AMARAL; MELO FRANCO, 1974).

busto em bronze do Tenente Coronel Manoel Franco da Silveira, o qual foi afixado na praça central, esta seria uma iniciativa de homenagem ao homem público que governou a cidade por 10 anos.

Em 1915, a construção do novo coreto terminou e foi inaugurado. Em 11 de novembro de 1930, a praça central mudou de nome novamente, de “Rodrigues Alves” para “Conselheiro Antônio Prado”⁵ e no ano de 1932, durante o governo do prefeito Sebastião Domingues, foram plantados arbustos conhecidos como “ficus” com a intenção de embelezar os jardins da praça.

No ano de 1939, o então prefeito da cidade Belarmino Del Nero resolveu realizar algumas intervenções na praça central: o coreto foi substituído, novamente, e realizaram-se necessárias para a construção de um terceiro coreto, o qual existe até os dias atuais. Os bancos que eram de madeira foram substituídos por bancos ofertados por comerciantes do município.

A partir de 1961, foi instalado um sistema de alto falante municipal na praça central, o qual funcionava no subsolo do coreto. Eram promovidos concursos infantis e gincanas. O sistema anunciava as principais notícias da cidade, era o antigo arauto município, e a praça “Conselheiro Antônio Prado” tornou-se ponto de encontro da população local.

Em 20 de julho de 1965, a praça municipal passou a ter um novo sistema de iluminação, o qual ganhou destaque nas conversas populares e os habitantes afirmavam, constantemente, que “a noite havia virado dia no jardim de Pirassununga”. Portanto, os acontecimentos da época e as mudanças no espaço e no território foram acompanhados por modificações e consequências no imaginário social, colaborando com a construção constante da cultura local e da significação do “lugar”.

Na década de 1970, a praça passou por modificações. Os arbustos, antes plantados e conhecidos como “ficus”, foram derrubados pelo fato de estarem

⁵ Homenagem a Antônio da Silva Prado (25/02/1840 à 23/04/1929) – Advogado abolicionista – foi deputado “provincial” (estadual) em São Paulo entre 1862-1864, deputado “geral” (Federal) pelo estado de São Paulo entre 1869-1872, tornou-se ministro das relações exteriores, negócios da agricultura, comércio e obras públicas entre 1886-1888 e o primeiro prefeito da cidade de São Paulo entre 1899- 1911, Conselheiro do Império, auxiliou no projeto da Lei áurea (GARCIA, 2017).

infectados por uns bichinhos denominados popularmente por “lacerdinhas”⁶, tais insetos irritavam muito os olhos daqueles que passeavam pela praça e eram picados. No mesmo local dos arbustos derrubados foram plantadas árvores do tipo Sibipirunas.

Em 1973, na gestão do prefeito “Tatalo”, a praça foi reformada com a substituição do calçamento pelo assentamento de pedra do tipo “português”, mesmo desenho estilo de Copacabana. Foram também construídos quatro espelhos d’água e o sistema de alto-falante municipal do porão do coreto foi desativado.

Em 19 de março de 1986 fecharam o Cine Teixa, importante cinema que fazia parte do lazer do cotidiano dos habitantes da cidade. Dois anos depois, em 1988, o Cine Jossandra também encerraria suas atividades.

Após 1988, várias atividades foram sendo desenvolvidas na praça central. O carnaval também se exhibe como outra data comemorativa importante, onde a tradição das festividades ainda permanece no entorno dos jardins do coreto.

No ano de 2012, fizeram a última reforma na praça central durante a gestão do prefeito Ademir Alves Lindo. As revitalizações ocorreram principalmente no sistema hidráulico, no calçamento, na iluminação e na restauração do coreto.

Atualmente, a praça “Conselheiro Antônio Prado” possui mais de 130 anos de existência, permitindo que as pessoas da cidade tenham o privilégio de experienciá-la como um lugar, a qual instiga diferentes sentimentos, emoções e memórias.

⁶ Ficus ornamentais são frequentemente atacados por tripes em várias partes do mundo. No Brasil, o nome popular “lacerdinha” foi dado a uma espécie de tripes chamada *Gynaikothrips ficorum*. Ela induz galhas em folhas de *Ficus microcarpa*, sendo considerada uma praga em grandes infestações. É um inseto “de origem sul-asiática e ocorrência pan-tropical, espalhado pelas áreas mais diversas por onde o ficus se aclimatou como Israel, Palestina, Sicília, Espanha, Algéria, Ilhas Canárias e por toda a América” (DUARTE, 2007, p.34). Foi a partir daí que surgiu o apelido de lacerdinha para este inseto, uma sátira a um político da época, Carlos Lacerda (DUARTE, 2007; PINHO et al., 2007; SILVA et al. 2007).

RESULTADOS

A estética da praça

A praça nos anos 1950⁷ era muito bonita. Havia muitas figueiras, bem podadas (Figura 1). Ela “era uma lindeza, não era como hoje (Figura 2). era bem arborizada e as árvores eram podadas, tudo certinho, coisa mais maravilhosa”, afirma o morador Nelson Aldrigueti, de 93 anos de idade e que reside em Pirassununga desde 1943 (PRADO, 2019, p.87).

Figura 1- Praça Conselheiro Antônio Prado (Década de 1950)



Fonte: Foguel, 2018, p. 63.

Figura 2 - Praça Conselheiro Antônio Prado em 2019



Fonte: Gustavo Prado, 2019.

⁷ Década que coincide com a narrativa mais antiga dos entrevistados.

Nesta época, a estética do belo dos jardins seguia um padrão de controle humano, por este motivo, as podas nos fícus eram realizadas, resultando em formas geométricas e retas.

No Esteticismo, a natureza, como sinônimo de paisagem é passível de um julgamento estético de beleza, que também irá seguir um padrão ‘civilizado’ previamente definido. A natureza cortada e delimitada em linhas retas, torna-se um jardim, um signo de administração humana, e como um padrão estético de beleza requintada e sofisticada, é cada vez mais valorizada e decorativa, sendo acrescida de objetos humanos para tornar o espaço mais aprazível e ao mesmo tempo para demarcar o território do homem (HASSLER 2006, p.30).

João Ferreira Prado, 76 anos, também possui a mesma lembrança e diz que “Para começar as árvores eram diferentes das de hoje. Antigamente, existiam árvores chamadas de fícus, que devido aos mosquitinhos denominados lacerdinhas, a prefeitura achou por bem retirá-las” (PRADO, 2019, p.88).

A moradora Vilma Ferreira Prado Leitão, de 61 anos, que viveu a vida toda na cidade também relembra que “Tinham muitos lacerdinhas nas árvores, caíam nos olhos e ardia muito” (PRADO, 2019, p.88). Rubens Aldrigueti, de 84 anos, também diz que “Os costumes eram muito mais bonitos. A praça central tinha fícus bem podadinhos” (PRADO, 2019, p.88).

No entanto, as podas erradas, associadas a outros fatores, deixaram as árvores vulneráveis à praga das “lacerdinhas” (Thysanoptera). A solução da prefeitura, tal como em outras cidades que foram afetadas, como Belo Horizonte (DUARTE, 2007), foi o corte das mesmas. Sabemos que se poderia combater a praga de outras formas, mas nesta época, preferiram a solução mais rápida e relativamente “fácil”, mas impiedosa, dentro da ideologia desenvolvimentista.

A socialização e os contornos na praça

A memória e a identidade cultural e histórica acontecem via socialização, cujo ato é, por excelência, desenvolvido nos espaços públicos urbanos, como marco histórico de convívio social (DIZERÓ, 2006).

Antigamente, as famílias se reuniam na praça, principalmente aos domingos, mas a movimentação e a socialização eram cotidianas. Homens e mulheres andavam pelo círculo da praça em sentidos opostos e aproveitavam esses momentos para as paqueras, costume que já não existe mais, ainda é uma

forte lembrança na memória dos idosos. O atual secretário municipal da cultura e turismo de Pirassununga afirma que:

As famílias se reuniam ali, as crianças ficavam brincando e interessante que cada família já tinha seu ponto, chegavam e cada um já tinha seu cantinho, era fácil das pessoas se encontrarem. Em volta do círculo maior do coreto os jovens se encontravam também, os rapazes em um sentido e as mulheres de outro e ambos movimentavam-se e assim que surgiram muitos namoros e casamentos. Para as paqueras os casais se dirigiam ao quadrado central da praça, era uma tradição e depois já com afinidades eles se assentavam nos bancos, isso era muito seguido na época (ROBERTO BRAGAGNOLLO, 2019 apud Prado, 2019, p.90).

A moradora Itelvina Barboza Bordignon, de 72 anos, também se lembra de que “Os homens e as mulheres caminhavam girando em volta do círculo central da praça paquerando e quem já namorava ficava nos bancos, era muito gostoso” (PRADO, 2019, p.90). Nota-se que esse costume era muito comum na praça central (Figura 3).

Outra moradora da cidade, Maria das Graças Dix Junqueira Pinto, de 65 anos, ao falar sobre atividades que não existem mais na praça: “O passeio. Mulheres de um lado, homens do outro, fora do coreto. Chamava-se “trottoir”⁸, ficavam paquerando” (PRADO, 2019, p.90). Tal hábito ficou reconhecido pela população e faz parte das memórias locais dos moradores mais antigos.

Figura 3 - Passeios na praça central (Entre décadas de 1950 e 1960)



Fonte: Secretaria Municipal da Cultura e Turismo de Pirassununga.

⁸ Palavra francesa que significa “calçada” – na época os jovens andavam em volta da calçada girando em sentidos opostos de acordo com o gênero.

A praça era muito frequentada e como a televisão nas casas não era tão popularizada, a movimentação e a frequência da população na praça eram maiores.

Victor Arcângelo Raymundo, de 72 anos, morador da cidade há 38 anos diz que:

Antigamente, existia um movimento grande na praça dia e noite. A juventude passeava era na praça. Era um lugar muito agradável. Na verdade, a televisão tirou muito movimento da praça, as pessoas foram ficando mais em casa e os cinemas que existiam foram fechando. Os jovens passaram a frequentar bares e a quantidade de pessoas frequentando a praça foi diminuindo (RAYMUNDO apud PRADO, 2019, p.95).

Para Célia Calil:

[...] tenho muitas recordações, eu atravesso a praça até hoje, vou olhando e vêm tudo a minha mente, os tempos que a gente passeava, que tocava a banda, que tocava o alto-falante, então tudo isso é recordação. Os melhores anos de nossa mocidade se passaram aqui na praça (CÉLIA CALIL, apud PRADO, 2019, p.91).

Outra moradora de Pirassununga, Maria Elisabete Baccarin Fluete, 65 anos, também narra a esse respeito falando sobre sua época de juventude:

Nós saíamos à noite, aos sábados, e íamos à praça onde os jovens se encontravam. Era uma vida mais saudável, não tinha muita tecnologia, o ser humano era mais entrosado, hoje são muito dispersivos (PRADO, 2019, p.95).

É possível compreender que os meios de comunicação, junto da era digital, causaram mudanças nos comportamentos das pessoas, principalmente nos modos de se comunicar, interagir e relacionar.

Corporação musical pirassununguense “16 de julho” – Desde 1902 até os dias atuais

Foguel (2018) descreve também que atividades e encontros ocorriam ao som da Corporação Musical Pirassununguense, algo que chamava muito a atenção, pois com frequência os entrevistados narram suas lembranças a respeito “da banda”.

Maria Alves Pinheiro Gallo, moradora da cidade, lembra que gostava que sair para ver a corporação na praça: “Era gostoso. Eu e meu marido a gente saía

bastante, ia na praça, ouvia a banda, tomava sorvete, ai chegava uma cunhada, chegava outra e a gente ficava conversando, era muito bom” (PRADO, 2019, p.91).

Hoje aos 82 anos de idade, a entrevistada complementa que: “ainda gosto demais, para ir lá ouvir a banda, ver as crianças brincando, tomar um sorvete” (PRADO, 2019, p.91). Maria das Graças Dix de Junqueira Pinto narra sobre a banda que:

[...] tudo ali é importante, a gente falava que ia pular na banda então a banda ia embora, parava em frente ao cinema onde hoje é o teatro e a gente ficava pulando no meio da banda, era uma delícia. Aquela praça não tinha perigo nenhum. Era a praça mais bonitinha da região (MARIA DAS GRAÇAS DIX PINTO, 2019 apud PRADO, 2019, p.91).

Nota-se, portanto, que os moradores locais relacionam a praça “Conselheiro Antônio Prado” à conhecida “banda”, que atualmente é reconhecida como a Corporação Musical Pirassununguense, centenária e que participou, ativamente, da socialização das pessoas e da história do local.

José Carlos Alexandre, um dos integrantes da Corporação Musical e natural da cidade de Pirassununga, conta que a praça central:

É um marco histórico, quando se pensa no centro, a praça já vem à cabeça e todo domingo estamos lá presentes e tocando fazendo parte dessa história, eu, por exemplo, tenho 50 anos de banda (ALEXANDRE apud PRADO, 2019, p.92).

O próprio Maestro do referido conjunto musical, nos traz suas recordações e fala da importância da música para o lugar estudado, Cláudio Azevedo, com 65 anos, ao ser indagado sobre o significado da praça central, responde que:

A praça para mim, hoje e sempre, é o nosso palco, onde fazemos apresentações, onde mostramos nosso trabalho e por sinal Pirassununga é uma cidade muito receptiva à música, as pessoas assistem, aplaudem. Agora a secretaria da cultura tem promovido bailes na praça um domingo de cada mês com as apresentações da banda (CLAUDIO AZEVEDO, 2019 apud PRADO, 2019, p.92).

Foguel (2018, p. 51) faz referências ao surgimento da Corporação Musical Pirassununguense, que teria ocorrido no ano de 1902 com o nome “Corporação Musical 16 de julho” (Figura 4).

Pode-se dizer que a banda se “eternizou”, pois os anos passaram, ocorreram muitas modificações físicas na praça e também muitas mudanças sociais, bem como nos costumes dos moradores, porém domingo a domingo, as retretas⁹ permanecem, sendo possível ainda sentar num dos bancos da praça ao som da Corporação Musical Pirassununguense, mesmo após 116 anos de sua criação.

Figura 4 - Corporação Musical Pirassununguense (07/09/ Década de 1970)



Fonte: Exposição da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Pirassununga em novembro de 2017.

A era dos cinemas no entorno da praça

João Ferreira Prado ao ser perguntado sobre atividades que não existem mais na praça, conta-nos que “Uma delas é o cinema, porque agora ele se localiza lá na Avenida Painguás. A cidade inclusive ficou um tempo sem cinema, até porque a televisão foi absorvendo esse público” (PRADO, 2019, p.95).

Muitos entrevistados relacionaram a ascensão da TV com a diminuição da frequência das pessoas na praça central, justamente porque existia uma relação íntima do local com os cinemas, que funcionavam no entorno. Roberto D. Bragagnollo narra que a praça:

É uma grande vitrine, é um centro de convivência que se perdeu ao longo dos tempos, pelos modismos e pelos entretenimentos

⁹ Toque de banda de música em praça pública – segundo o dicionário *online* de português.

que surgiram. Nem televisão não existia pois só foi implantada em 1950, poucas pessoas tinham esse aparelho de televisão, então a praça era um ponto de encontro muito importante (ROBERTO BRAGAGNOLLO, 2019 apud PRADO, 2019, p.96).

Israel Foguel contribui que:

Com o crescimento da cidade a movimentação da praça foi crescendo. Houve a época do sucesso dos cinemas. Em 1910 surgiu o primeiro cinema onde hoje é a ACIP (Cine São Francisco), em 1940 surgiu o Cine Odeon, que depois deu lugar ao Cine Teixa (Atual lojas americanas). Tivemos também o Cine Cacique (atual teatro Cacilda Becker) e o espaço Jossandra (Figura 4) (atual Igreja da Graça). Finais de semana as pessoas vinham para os cinemas e haviam duas sessões, primeira sessão os mais jovens que participavam e os pais ficavam na praça esperando os filhos e o público mais velho frequentava a segunda sessão. No domingo era a banda tocando e de sábado lotava a praça paqueravam e namoravam. A partir de 1965 mudaram-se os costumes e frequência aos cinemas já não era a mesma e a partir daí a movimentação foi diminuindo, barzinhos foram tomando o lugar de lazer atribuído a praça central (ISRAEL FOGUEL, 2019 apud PRADO, 2019, p.96).

É importante salientar que os frequentadores dos cinemas eram, na maioria das vezes, os responsáveis pela movimentação de pessoas que ocorria pelos pontos da praça, mas é importante também mencionar que na atual sociedade da informação o perfil dos jovens mudou, bem como suas formas de lazer.

Irani Schimack Decarli, de 63 anos, natural de Pirassununga nos diz que “A praça significava um lugar respeitoso e também um lugar de diversão, posso dizer que como as pessoas gostam de shopping nos dias de hoje, minha geração gostava da praça” (PRADO, 2019, p.96).

Figura 5 - Movimentação na entrada do antigo Cine Jossandra (Década de 1970)



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Pirassununga.

Significação atual da praça “conselheiro Antônio Prado”

Apesar de ter havido uma queda na movimentação de pessoas, engana-se quem pensa que a praça central é um espaço público vazio e abandonado, pois mesmo após muitos anos e várias décadas, muitas referências foram mantidas, inclusive Roberto D. Bragagnollo nos diz que:

Nós ainda hoje tentamos manter essa referência, com a nossa banda tocando aos domingos e ela já tem 116 anos, mas o pirassununguense se não for em outras cidades não consegue fazer uma comparação. Dá impressão que toda cidade tem sua praça, sua banda e seu coreto, o que não é verdade, pois em algumas cidades o coreto foi desmanchado por ser considerado como algo ultrapassado, sem função, sem banda e descaracterizou o espaço (ROBERTO BRAGAGNOLLO, 2019 apud PRADO, 2019, p.98).

Observa-se por meio das narrativas que ainda hoje a praça “Conselheiro Antônio Prado” é referência para a população, é lugar não só de lembranças mas também de encontros, diálogos, amizades e apreciação, os moradores gostam de contar suas lembranças sobre o local e ficam felizes por terem feito parte de uma história que, de certa forma, tem sido preservada e que continua a ocorrer dia após dia.

Durante as entrevistas também foi elencado o seguinte questionamento: “O que significa a praça “Conselheiro Antônio Prado” para você hoje?”.

A moradora Vilma F. P. Leitão responde: “Saudade. Era o único lugar que íamos para passear, mas era muito gostoso” (PRADO, 2019, p.98), Vítor A. Raymundo nos diz que:

Não só hoje como num passado, a praça sempre foi e sempre será um lugar agradável. Quando está calor, a gente vai na praça pega um sorvete e ao chegar lá a praça está com várias pessoas. Então para mim significa um lugar de encontro, de interação entre a população (VÍTOR RAYMUNDO, 2019 apud PRADO, 2019, p.98).

Outro morador, José Antônio Marucci, de 71 anos, natural de Pirassununga contribuiu dizendo que a praça central é “Um ponto de referência onde vejo meus amigos” (PRADO, 2019, p.98).

Analisando os fragmentos das narrativas dos moradores é de extrema importância destacar os significados atribuídos à praça central. É de grande valor que um espaço público urbano seja considerado como uma “referência” para a população, sendo realmente um local que fomente e contribua para a “interação entre a população” e que seja associado a um “lugar agradável”. Chama ainda a atenção o fato de a praça ser resumida em uma única palavra: “saudade”, cujo sentimento sempre está atrelado às boas lembranças e recordações.

Ao dizer sobre o significado da praça, João F. Prado relembra também dos bens patrimoniais que estão ao entorno:

Bom, para mim significa uma lembrança muito grande, um patrimônio importante, com o Instituto ali próximo, a igreja que tanto frequentei, que é um prédio que representa um patrimônio público. As ruas do entorno ainda possuem paralelepípedo porque são tombadas, históricas (PRADO, 2019, p.99).

Da mesma forma, a moradora Eloíza Salete Souza de Andrade, de 60 anos, diz “Eu acho um ambiente muito bonito, arborizado, tem um valor histórico e de patrimônio para a cidade. Acho muito legal e de grande valor para as crianças” (PRADO, 2019, p.99).

Já a moradora Maria Elisabete B. Fluete destaca as novas funções que a praça assumiu:

Ela ainda significa um ponto de encontro, mas hoje falo em relação à minha neta. Ela vai com os pais dela ver a banda, a feira de artesanato, então hoje é mais como prestação de serviço, lazer e fonte de informação e exposições (PRADO, 2019, p.99).

Roberto D. Bragagnollo enfatiza as atividades da atualidade, que vem sendo desenvolvidas:

Mais recentemente tivemos o carnaval que foi feito lá, estamos com alguns projetos na praça, a “Praça do livro”, caminhando para fazer uma feira do livro com atrações, trazendo inclusive autores e editores para fomentar a leitura e a socialização e agora nós criamos¹⁰ o projeto “dançando na praça”, sempre nos primeiros domingos de cada mês, os casais que vão para lá dançando ao redor do coreto, quando os casais vão à praça, eles levam os filhos, netos, e é onde o público acaba aumentando. As pessoas começam a ir para a praça e descobrir a praça, quem vai pela primeira vez, tenho certeza que volta, lá você encontra velhos amigos e conhecidos, pipoca, sorvete, quer dizer aquilo que já existia desde há muito tempo (ROBERTO BRAGAGNOLLO, 2019 apud PRADO, 2019, p.99/100).

Na visão dos moradores mais idosos de Pirassununga a praça central é um espaço público de grande valor, pois como um referencial de memórias possui significados afetivos para com o lugar. Sobre isso, Marcia Silva (2016, p.101) ao relacionar lugar e emoções, considera que “[...] a pessoa, ao estar diante de determinados lugares, estes lhe despertam diferentes emoções”.

Portanto, a praça é esse lugar emocional de diversão, encantamento, nostalgia, tristeza, simpatia, interesse e alegria, como também um lugar de sentimento, identificação e pertencimento.

Percebe-se que as pessoas levam em consideração tudo que a praça preserva daquilo que proporcionava tempos atrás, bem como as novas atividades e projetos desenvolvidos na atualidade.

Portanto, o local em questão, objeto de estudo deste trabalho, pode ser definido como uma “mistura” que consegue agregar o passado e o presente juntos, como se um não existisse sem o outro, é na praça que os séculos XX e XXI parecem se entrelaçar. E é assim que os próprios moradores locais vão atuando para que a praça se reinvente, admitindo ressignificações ao longo dos tempos.

¹⁰ O entrevistado usa o termo “nós criamos”, pois é o atual Secretário da Cultura e Turismo do município.

Preservação patrimonial

Outra consideração importante nas narrativas dos moradores de Pirassununga é o fato de pensarem que devem ter mais mobilizações por parte do poder público e da própria população em valorizar a praça central da cidade, por se tratar de um local histórico e por ser um patrimônio dos próprios moradores.

Maria Noêmia L. Raymundo, por exemplo, relata que para ela a praça central é:

Uma área linda, que poderia desenvolver muita coisa de lazer, que não é tão valorizada pela população ou poder público. As pessoas aqui parecem ter receio de participarem das coisas mais populares, um sentido meio elitista. As pessoas mais simples acabam participando mais. Algumas casas bem antigas ao redor da praça também me chamavam muita atenção, não me conformo quando derrubam essas casas que eu acho que deveriam ser patrimônios históricos, poderiam até servir ao turismo da cidade (PRADO, 2019, p.102).

Nota-se, portanto, uma preocupação da moradora no sentido de que a população valorize o espaço público, tenha consciência em relação à preservação dos patrimônios e dos bens materiais construídos e acima de tudo que participe dos projetos e atividades que são propostos com vistas a enfatizar a cultura popular.

Israel Foguel argumenta ainda que a praça central da cidade:

É um patrimônio, infelizmente não existe um trabalho turístico, se você entrar na praça o que tem de história, os próprios bancos retratam as firmas da região, as mudanças que a praça teve com o tempo, quais as explicações para cada ponto, objeto ou obelisco (PRADO, 2019, p.102).

Um adendo importante é que a cidade de Pirassununga possui estruturas que fomentam o turismo em algumas áreas da cidade, porém isso não existe na região central. Há na praça “Conselheiro Antônio Prado” um contexto histórico muito denso, aliado aos patrimônios materiais que se localizam no entorno, entretanto é visível por meio das entrevistas que os moradores enxergam essa lacuna. São necessárias, portanto, ações, campanhas e mobilizações no sentido de se preservar e conservar todos os bens materiais que foram construídos ao longo dos anos.

marcante para os moradores, sendo assim, um “lugar” topofílico e pertencente, do ponto de vista dos conceitos geográficos (TUAN, 1983).

Isso significa que o espaço se tornou lugar, através das experiências mais íntimas que as pessoas vivenciaram:

Lugar é o sentido do pertencimento, a identidade biográfica do homem com os elementos do seu espaço vivido. No lugar, cada objeto ou coisa tem uma história que se confunde com a história dos seus habitantes (TUAN, 1983, p. 14).

O pertencer adquire relevância as experiências são mais representativas, ou seja, quando alguém reside num local durante muito tempo ou é a sua terra natal (TUAN, 1983, p.20-21). Houve uma conexão entre as experiências do lugar e as memórias-lembranças, pois essas últimas estão intrinsecamente relacionadas à perspectiva experiencial, uma vez que as pessoas se lembram apenas de experiências que marcaram sua vida individual, familiar e social. Para Bosi (1994, p. 68) “A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória”.

Por fim, as demais palavras citadas, como coreto, cinema, alto falante, carnaval e patrimônio, etc. serviram como substanciais temas do conteúdo da pesquisa de Prado (2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em se tratando das memórias, foi relevante as memórias individuais para a construção da memória coletiva, pois a vida pública é construtora dos ideais da sociedade, dos seus costumes e da sua cultura, ou seja, os próprios elementos que diferenciam os grupos sociais. Assim, constatou-se que a praça, sendo um lugar experienciado coletivamente, foi e ainda é fundamental para a vida urbana em Pirassununga.

A praça tem um histórico de origem elitizada, mas, hoje, é um espaço público frequentado por pessoas de diferentes classes sociais e idades, que deve continuar a ser motivado por projetos criativos para que esse uso continue.

Portanto, sugere-se a adoção de políticas públicas abrangentes de conservação e fomento ao turismo histórico e cultural, convergindo para atitudes que possibilitem explanar a importância atribuída aos espaços públicos.

As memórias e as experiências devem ser levadas em conta para o planejamento urbano e a educação ambiental/patrimonial.

Diante dessas considerações, propõem-se que a praça “Conselheiro Antônio Prado”, no sentido de motivar a socialização, deveria ser incluída em itinerários turísticos históricos, em que a população pirassununguense seria também público-alvo de visitas, aprendizagens e lembranças. A intenção seria atrair os mais jovens, sensibilizando-os a ouvir as histórias e memórias dos anciãos, inclusive sugestões de atividades educativas, fortalecendo a importância da praça para as próximas gerações.

Complementando a história oficial, resgatamos lembranças e destacamos o que ainda é importante para as pessoas mais velhas. Diagnosticou-se com a ajuda do software *IRAMUTEQ*, que a palavra banda foi muito citada pelos entrevistados, e que essa ferramenta se mostrou eficiente na análise textual. A praça foi considerada um patrimônio, termo muito utilizado nas narrativas, no sentido de bem-estar de todos, e por tal razão, deve ser preservada.

Conclui-se que conservar espaços públicos é algo maior que manter tradições, pois é também uma atitude revolucionária que almeja a valorização da qualidade de vida por meio da permanência dos traços culturais da geração presente, das que se foram e também das que ainda virão.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. T. do; MELO FRANCO, A. A., **A Vida dos Grandes Brasileiros** - Rodrigues Alves. Rio de Janeiro: Editora Três, 1974.

BENEVOLO, L. **História da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CAMARGO, B.V.; JUSTO, A.M. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

DIZERÓ, J. D. **Praça do interior paulista: estudos de caso nas cidades de Ribeirão Preto e Monte Alto/SP**. Dissertação (mestrado em urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC, Campinas, 2006.

DUARTE, R.H. **À sombra dos ficus: cidade e natureza em Belo Horizonte**. Ambiente e Sociedade, Campinas, v. 10, n.2, p. 25-44, 2007.

- FOGUEL, I. **Pirassununga 1904**: Os apontamentos. São Paulo: Clube de autores, 2018.
- FOGUEL, I. **Praças e coretos**. Fotos, fatos e curiosidades. São Paulo: Clube de autores, 2018.
- FOGUEL, I. **Pirassununga 1939**: A Monografia. São Paulo: Clube de autores, 2018.
- GARCIA, R. Perfil Antônio Prado. **São Paulo nos trilhos** in: Revista Apartes, nº 24 – março/julho de 2017.
- GODOY, M. P. de. **Contribuição à história natural e geral de Pirassununga**, v.2, 1ª Edição, 1975.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003 [1.ed.1968].
- HASSLER, M.L. A NATUREZA NA CIDADE: **Uma abordagem a partir da percepção da população acerca do Jardim Botânico de Curitiba-PR**. Curitiba, 2006. (Mestrado em Geografia).
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NORA, P. **Entre memória e história**. A problemática dos lugares. São Paulo. Proj.História, v.10, dezembro de 1993.
- PINHO, M.M.; MELO, F.A.B; MOURAO, A.E.B; PARENTE FILHO, E.G.; PARENTE, K.M.S. **Controle do Trips Gynaikotrips ficorum (MARCHAL, 1908) em Ficus (Ficus benjamina Linneu, 1758 sob a ação da pimenta malagueta (Capsicum frutescens))**. In: XVI Encontro de Zoologia do Nordeste - EZN, 2007, Garanhuns. XVI Encontro de Zoologia do Nordeste, 2007.
- PRADO, G.F. **A cidade e seus patrimônios**: um estudo das experiências, memórias e representações da praça central e do seu entorno em Pirassununga, SP. Rio Claro: UNESP, 2019. (Mestrado em Geografia).
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed.Unicamp, 2007.
- RISSO, L.C. **Os conceitos de percepção e território como lentes para o entendimento cultural**. Ponta Grossa. Terra plural, v.8, n.2, pp. 309-319, jul/dez. 2014.
- SILVA, M.A.S. da. Por uma geografia das emoções. **GEOgraphia**, v. 18, nº38, p.99-119, 2016.

SILVA, G. C.; LOPES, W. G. R.; LOPES, J. B. **Evolução, mudanças de uso e apropriação de espaços públicos em áreas centrais urbanas.** Revista Ambiente Construído. Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 197-212, jul./set. 2011.

SILVA, M.; SOARES, M.A.; VIEIRA, G.T.; ZANUNCIO, J.C. **Ataque de Gynaikothrips ficorum (Phlaeothripidae) em plantas Ficus bejamina (Moraceae) de área urbana.** In: II Simpósio de Entomologia, 2010, Viçosa. II Simpósio de Entomologia, 2007.

SOUZA, A. B. de. **Duque de Caxias:** O homem por trás do monumento. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Cosmos & Hearth.** A cosmopolite's viewpoint. Minneapolis: University of Minnesota, 1996.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

Recebido em 26 de Março de 2021
Aceito em 24 de Setembro de 2021